

Você se lembra? A importância da memória em tempos de crise e esquecimento

COSTA, Daniella Martins. Você se lembra? A importância da memória em tempos de crise e esquecimento. *Revista Docomo Brasil*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 9-14, dez. 2021.

data de submissão: 05/08/2021

data de aceite: 20/11/2021

Daniella Martins Costa

Doutora em arquitetura e Urbanismo. Professora do Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ) da UFRJ.

daniella.martins@fau.ufrj.br

Resumo:

O presente trabalho é uma reflexão sobre a memória. Em momentos em que a vida imita a ficção, vamos visitar a cidade fictícia criada pelo escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, também em quarentena para evitar que contaminação por uma doença misteriosa se espalhe. A visita nos ajudará a refletir sobre a importância da memória diante de grandes crises. Gostaríamos de entender por que lembramos e qual a importância da manutenção da memória e da matéria histórica diante de um mundo em crise atravessando dias de distanciamento social. **Palavras-chave:** memória, identidade, patrimônio cultural.

Abstract:

The current work is a reflection on memory. In moments when life imitates fiction, we will visit the fictional city created by the Colombian writer Gabriel Garcia Márquez, also in quarantine to prevent contamination by a mysterious disease from spreading. The visit will help us to reflect on the importance of memory in the face of major crises. We would like to understand why we remember and why it is important to keep memory and historical material in the face of a world in crisis going through days of social distancing.

Key words: memory, identity, cultural heritage.

Resumen:

El presente trabajo es una reflexión sobre la memoria. En momentos en que la vida imita la ficción, visitaremos la ciudad ficticia creada por el escritor colombiano Gabriel García Márquez, también en cuarentena para evitar la propagación de la contaminación por una misteriosa enfermedad. La visita nos ayudará a reflexionar sobre la importancia de la memoria ante las grandes crisis. Nos gustaría entender por qué recordamos y cuál es la importancia de mantener la memoria y el material histórico frente a un mundo en crisis que atraviesa días de distancia social.

Palabras clave: memoria, identidad, patrimonio cultural.

Quando a vida imita a arte

Uma cidade em quarentena. Uma população dominada por uma peste que se propaga através do contato entre pessoas por via oral. Habitantes cercados dentro dos limites da cidade e os visitantes que nela entram, por sua própria conta e risco, precisam sinalizar que não estão infectados e não devem consumir ou dividir alimentos produzidos localmente sob o risco de se contaminar. A princípio não se conhece antidoto.

Não, a descrição acima não é de nenhuma cidade real, ou do nosso tempo. Mas vivemos um momento em que definitivamente a ficção, profeticamente, descreve a vida real. A cidade descrita no parágrafo acima é Macondo, criada pelo romancista Gabriel Garcia Márquez em 1967, no seu romance *Cem anos de solidão*.

A autora do texto, como outros tantos milhões de pessoas pelo mundo, esteve em quarentena em casa por mais de um ano por conta da pandemia causada pelo coronavírus, designado como COVID-19. Nesse tempo milhares de pessoas em diversos países, estiveram confinadas em casa pelo risco de contágio e morte. Isso modificou a forma como trabalhamos, como circulamos pela cidade, como nos relacionamos com outras pessoas e como passamos o tempo. O confinamento em casa possibilitou a abertura das páginas de alguns autores colocados em lista de espera, e finalmente, o encontro adiado por tanto tempo com Gabriel Garcia Márquez, tomou lugar.

Na busca pelo novo normal, colocar em questão aquilo que estamos fazendo é dos primeiros movimentos do cérebro em busca da reorganização do novo cenário. Diante de tamanha crise, o questionamento sobre a importância da preservação do patrimônio cultural e da memória, tema de central das pesquisas conduzidas nos últimos anos, martelavam os pensamentos desta autora diariamente. Diante de tanta dor, sofrimento e perdas, qual a importância da memória? Entender por que lembramos, ou a importância da matéria histórica foi o exercício dos primeiros dias de confinamento, até para poder encontrar algum sentido no trabalho de pesquisa que seguia.

E foi assim que percorrendo as ruas da cidade de Macondo, no livro *Cem anos de Solidão*, entramos em quarentena também na ficção.

Quando José Arcadio Buendía percebeu que a peste tinha invadido a povoação, reuniu os chefes de família para explicar-lhes o que sabia sobre a doença da insônia, e estabeleceram medidas para impedir que o flagelo se alastrasse para as outras povoações do pantanal. (MÁRQUEZ, 1967, p.29).

O mal que atingia a cidade da ficção, era de outro tipo. A população adoeceu com uma insônia

eterna e, uma vez doente, perdia-se a capacidade de dormir. A doença chega à cidade através de um portador, uma criança vinda de um lugar desconhecido e que, ao compartilhar os ambientes da casa da família Buendía, protagonista do romance, contamina a casa e toda a cidade. Logo se entendeu que “que a doença só se transmitia pela boca, e todas as coisas de comer e de beber estavam contaminadas pela insônia” (IDEM, p.29) e assim se decidiu impedir o acesso à cidade para que a doença não se espalhasse. Os únicos admitidos no perímetro urbano eram aqueles que prestavam serviços essenciais, como os fornecedores de alimentos e negociantes, mas esses eram alertados sobre a peste e sobre o risco de contaminação pelo consumo da comida local durante sua estadia na cidade. Qualquer semelhança com a realidade, neste caso, é mera coincidência.

Desta forma, manteve-se a peste circunscrita ao perímetro do povoado. Tão eficaz foi a quarentena, que chegou o dia em que a situação de emergência passou a ser encarada como coisa natural e se organizou a vida de tal maneira que o trabalho retomou o seu ritmo e ninguém voltou a se preocupar com o inútil costume de dormir. (IDEM, p.30 – grifo nosso).

Apesar de encontrar uma nova forma de encarar a vida sem sono, a consequência de uma vida de insônia logo se manifestou, a perda de memória. A impossibilidade de dormir, fazia com que as memórias pessoais e coletivas fossem aos poucos se apagando da mente das pessoas e outro tipo de risco surgiu, o de passar a viver dentro do “feitoço de uma realidade imaginária, inventada por eles mesmos” (IDEM, p.30). Assim, Aureliano Buendía, um dos nossos protagonistas, desenvolveu um método para lutar contra o esquecimento:

Descobriu-a por acaso. Insone experimentado, por ter sido um dos primeiros, tinha aprendido com perfeição a arte da ourivesaria. Um dia, estava procurando a pequena bigorna que utilizava para laminar os metais, e não se lembrou do seu nome. Seu pai lhe disse: “tás”. Aureliano escreveu o nome num papel que pregou com cola na base da bigorninha: tá. Assim, ficou certo de não o esquecer no futuro. Não lhe ocorreu que fosse aquela a primeira manifestação do esquecimento, porque o objeto tinha um nome difícil de lembrar. Mas poucos dias depois, descobriu que tinha dificuldade de se lembrar de quase todas as coisas do laboratório. (IDEM, p.30).

As pessoas se esqueciam não só o nome dos objetos utilitários, mas dos fatos comuns da vida, como as memórias da infância. O método da família Buendía consistia em etiquetar todos os objetos com seus nomes respectivos para que as palavras funcionassem como gatilho da memória. Logo o método

se espalhou pela cidade e assim, por toda parte as palavras identificavam, não apenas o que eram os objetos utilitários, como mesas e cadeiras, mas também dos sentimentos e das coisas espirituais, como grande o cartaz na rua central que dizia “Deus existe” (IDEM, p.30).

Mas, enquanto a doença progredia, não só se perdia as “memórias-hábito”, aquela mais mecânica, que Ricœur (RICŒUR, 2007, p.43) citando Bergson, define como, aquela que vem pelo hábito e usamos quando recitamos uma lição guardada em nosso cérebro. Mas também se esvaía a “memória-lembrança” que nos faz recordar as particularidades de certa fase da nossa história.

E à medida que se perdiam as faculdades da memória, perceberam que chegaria o dia em que seriam incapazes de lembrar não só quem eram ou que precisavam fazer, mas do significado daquelas palavras que os definia. Assim a linguagem veio em socorro na luta contra o esquecimento através da descrição dos objetos e das formas de usá-los. Da mesma forma como nos livros a linguagem escrita nos conta nossas histórias, para a cidade de Macondo, as palavras se transformaram em gatilhos para ativar a memória-hábito.

O letreiro que pendurou no cachaço da vaca era uma amostra exemplar da forma pela qual os habitantes de Macondo estavam dispostos a lutar contra o esquecimento: *Esta é a vaca, tem-se que ordenhá-la todas as manhãs para que produza o leite. É preciso ferver para misturá-lo com o café e fazer café com leite.* Assim, continuaram vivendo numa realidade escorregadia, momentaneamente capturada pelas palavras. (MÁRQUEZ, 1967, p.30).

As palavras haviam se tornado um lugar de memória, um dispositivo para acessar vida passada. A cidade seguia lutando para não esquecer, usando de outros artifícios possíveis como a máquina da memória, inventada por José Arcadio Buendía, uma espécie de dicionário rotatório que repassava, quando manuseada, todos os conhecimentos daquele indivíduo através de cartões fixados em um eixo giratório controlado por uma manivela, “de modo que em poucas horas passassem diante dos seus olhos as noções mais necessárias para viver” (IDEM, 1967. p.30).

Deixando a ficção e retomando a nossa realidade, é possível ver que assim como os habitantes de Macondo, também lutamos para não esquecer. A ponto de produzir nossas próprias máquinas de memória, usadas a exaustão durante a pandemia vivida entre 2020 e 2021.

Um sintoma desta busca pelo passado, ou melhor, uma forma contemporânea de evocá-lo, é a multiplicação da hashtag #tbt nos feeds de notícia de nos-

nas plataformas sociais. Esse dispositivo nos facilita encontrar em nossa memória virtual imagens dos dias do passado, quando ir e vir livremente eram coisa rotineira. Os álbuns de fotografia (aqueles que tem idade o suficiente para ter um) são também pontos de apoio físico da memória que nos lembram de uma vida diferente da atual.

Assim, através de invocação diária de nossas memórias, entramos no que Santo Agostinho denominou “Palácio da memória” (AGOSTINHO, 2010, p.145) em suas confissões. Uma vez lá, passamos a remexer o baú da memória, virtual e físico, para lembrar de pessoas e situações de outros tempos de nossas vidas.

Se pensarmos bem, vamos nos dar conta que há algum tempo construímos nossa versão da máquina da memória. Nossos *smartphones*, e outras telas em geral, tão integradas à nossa rotina, viraram quase uma extensão do nosso corpo. Esta memória externa, armazenada em aplicativos que nos lembram o que estávamos fazendo anos atrás, com imagens que são convocadas da nuvem virtual e nos recordam das últimas férias, entregas de trabalhos, almoço em família, entre tantas outras lembranças. Essas memórias são conjuradas quando as buscamos, ou em alguns casos, o sistema operacional do seu computador a recupera de assalto para te lembrar da sua própria vida.

Esses sistemas, parte importantíssima de luta contemporânea contra o esquecimento, funciona de forma muito próxima as descrições que Santo Agostinho faz, no século IV d.C., deste lugar em nossa mente o qual ele denomina palácio da memória. Segundo ele, são “vastos os palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda a espécie (...) quando lá entro, mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero” (AGOSTINHO, 2010, p.145). Curiosamente é o que fazemos hoje quando visitamos nossos sistemas externos que armazenam as imagens-lembrança, voláteis, que podemos resgatar e compartilhar com nossa rede de contatos por tempo determinado. Para logo depois, desaparecer novamente, de volta nuvem virtual, até ser invocadas um outra vez.

Mas nem todos estão em paz com suas memórias, também em Macondo havia os que preferiram sucumbir aos efeitos de uma vida sem memória, uma espécie de realidade inventada particular. Mas, como nos lembra a sabedoria mineira de Drummond, “o esquecimento ainda é memória” (ANDRADE, 2012, p.86).

Temor do esquecimento

Então, por que seguimos lutando para não esquecer? Qual a importância da memória, em especial nestes tempos de crise?

Francis Yates, em seu estudo sobre a arte da memória, vai nos conduzindo pela tradição do estudo

da memória e suas três raízes clássica. Ela começa seu percurso sobre os estudos da memória descrevendo como antes da invenção da imprensa, uma memória treinada era a base de acesso a dados importantes do cotidiano (YATES, 2007 p.11). Yates descreve as técnicas usadas pelos gregos, usar imagens e lugares, fictícios ou não, para ativar a memória. Era a chamada mnemotécnica. Mas quando a autora reflete sobre a importância desta técnica hoje, ela se refere a nós como parte desta geração de “modernos que absolutamente não tem memória” (IDEM, p.20). Não que não tenhamos do que nos lembrar, ou que sejamos parte de uma geração desprovida da capacidade mental da lembrança. A questão é que não exercitamos essa capacidade de lembrar, por isso nosso palácio da memória não é tão vasto, como o descrito nos textos de St. Agostinho.

Ricoeur (RICCEUR, 2007, p.48) afirma que “boa parte da busca do passado se encaixa na tarefa de não esquecer”. Segundo ele esta é a principal função da capacidade humana de se lembrar: a luta contra o esquecimento. Poderíamos demonstrar isto através da quantidade de registro que fazemos das nossas tarefas mais banais através de imagens, que além de ter a função de arquivo para acesso futuro do que se convencionou chamar nuvem virtual de dados, lembram aos outros quem somos e pelo que nos interessamos. Afinal, vivemos um tempo regido por agendas virtuais sincronizadas com nossos e-mails, redes sociais e com outras pessoas. Assim, para lembrar o que fiz semana passada, ou o que devo fazer amanhã, não faço um esforço mental, mas acesso ao “Google agenda”. Todas estas ferramentas podem ser o indicativo de que vivemos um temor do esquecimento, “porque amanhã será preciso não esquecer ... de se lembrar” (IDEM, p. 48), mas o fato é que já não nos esforçamos mentalmente para manter nossas memórias de prontidão.

Beatriz Sarlo (SARLO, 2005) fala de um outro tipo de temor do esquecimento. Ela se refere em especial a famílias, estados ou países que passaram por situações traumáticas ou de injustiça. A memória nestes casos pode ser a única arma para que os fatos continuem presentes, não sejam esquecidos e para que uma reparação aconteça. Lembramos não apenas para lidar com a dor causada por eles, mas especialmente para que eles não se repitam. A ideia do “nunca mais” é muitas vezes baseada na memória das testemunhas que mantém vivo os relatos destas situações. Assim a memória oral vai ocupando cada vez mais o lugar de documento válido para alimentar as narrativas históricas. Mas, quando memória e história se encontram para reconstruir o passado, esta operação pode ser conflitiva (IDEM, 2005).

Todos nos beneficiamos pela lembrança do nosso passado. Um povo que se lembra, não repete os

erros do passado; pelo contrário, ele olha com confiança para os desafios do presente e do futuro. A memória salva a alma de um povo, de algo ou alguém, tentado dominá-los, ou usá-los, para seu próprio interesse.” (PAPA FRANCISCO, 2015).

Os benefícios de lembrar são muitos, como temos visto até aqui, o que justifica a admiração e o respeito com a qual olhamos para o passado. Em alguns casos para não esquecer o que passou e evitar que erros voltem a acontecer, em outros casos o oposto acontece. Entendemos que uma romantização dos fatos do passado é outra reação possível, afinal o ontem é um tempo muito diferente do agora. E por vezes vemos o passado como um tempo em que tudo era melhor, como afirma o historiador norte americano David Lowenthal, “nostalgia é o passado com a dor removida.” (LOWENTHAL, 1990, p.8)

Essa nostalgia pode ser uma pista para o sucesso e o grande interesse por narrativas históricas que vivemos atualmente. Livros, series e filmes que visitam os tempos de ouro de tantas culturas, os anos 1920 na Califórnia ou em Madrid, o Rio de Janeiro da Bossa Nova, o passado viking dos países nórdicos, e a sabedoria discreta da Inglaterra vitoriana. Nas palavras de um destes personagens, Mr. Carson, o mordomo chefe da casa dos *Granthams*, situado na fictícia *Downton Abbey*, paisagem rural idílica de uma Inglaterra vitoriana, “O negócio da vida é a aquisição de memórias. No final é tudo que nos resta.”

Apoio material para memória

Além de refletir sobre a importância da memória durante tempos de crise como a que estamos vivendo, outra questão que assaltava os pensamentos desta autora era sobre a importância da manutenção dos lugares de memória. Diante da grave situação de pandemia mundial em que vivemos, com tantas perdas para a sociedade, me perguntava se o patrimônio cultural iria adquirir novo significado, ou se seria relegado a um segundo plano.

As reflexões feitas até aqui nos ajudam a ver um horizonte mais definido sobre o tema. Nos lembramos para entender quem somos, para aprender com o passado e não deixar situações de injustiça se repetirem. Muitas vezes visitamos o passado para esquecer o presente, mergulhamos por opção na nostalgia e revivemos um passado selecionado apenas com os melhores momentos. As imagens, como vimos, podem ser esse gatilho para disparar nossa memória, mas, e os lugares onde os fatos das quais nos lembramos aconteceram?

A matéria física, assim como as imagens, também tem esta função de disparador para a memória. A recordação, esta capacidade mental de evocar algo imaterial, quando buscada em nosso palácio da memória traz consigo a lembrança do lugar fisi-

co onde o fato se deu. Nos lembramos de algo que aconteceu em um lugar específico. Não por acaso, como nos conta Yates, o primeiro passo da mnemotécnica grega era “imprimir na memória um serie de *loci* ou lugares. O tipo mais comum, embora não o único, no sistema mnemônico de lugares utilizado era o tipo arquitetônico.” (YATES, 2007, p.3)

Estas reflexões, convocam a lembrança do arquiteto carioca Carlos Nelson Santos, que em uma análise crítica sobre as metodologias de preservação praticada no final do século XX, nos ajuda a entender a razão pela qual salvamos a matéria histórica. Segundo ele, estes lugares de memória, e ele falava especialmente das cidades, “são livros abertos, que a cada instante dizem aos que estão neles não só onde estão, mas quem são e quem são os outros.” (SANTOS, 1980, p.60) Ou seja, a matéria física, a que chamamos patrimônio construído, pode ser este elemento que nos dá uma dimensão histórica, nos dá identidade e senso de pertencimento.

Quando entendemos que o patrimônio cultural construído é este lugar que, como na mnemotécnica, guarda os pontos de ignição da nossa memória, da nossa história, que é ao mesmo tempo a história do nosso bairro, e da nossa cidade, estado e país, passamos a nos relacionar com ele de alguma forma. Esse diálogo com a matéria histórica nos ajuda a deitar raízes e sem nos darmos conta, os lugares nos transformam, da mesma forma que nós transformamos os lugares.

Uma nação pode ser vítima de amnésia. Pode perder as memórias do que era e, com isso perder o sentido do que foi um dia e, assim, perder o senso do que é ou do que deseja ser. Pode-se dizer que está sendo “moderno” quando se rasga os tecidos que visivelmente ligam um fio da história ao próximo. Pode-se dizer que só estão se livrando do “lixo” para dar espaço ao moderno. O que de fato acontece, depois que se perdem as fontes simbólicas de suas memórias, é romper a parceria perpétua que faz ou que cresce ordenadamente na vida de uma sociedade. (HYMAN, 1983, p.23)

O trecho acima, escrito por Sidney Hyman, a pessoa por trás dos discursos do presidente Kennedy, é parte de uma reflexão sobre o significado simbólico da matéria, percebido em especial na arquitetura através da história norte americana. Esta reflexão foi escrita em um momento em que o país começa a refletir sobre sua legislação federal de proteção. Ele segue afirmando que a matéria e o símbolo por ela sustentado são os sinais que nos mostram de “onde viemos e como chegamos até onde estamos, os pensamentos que tivemos ao longo do caminho e o que fizemos para expressar os pensamentos através de ações” (IDEM). E quando estes símbolos são apagados, deixam de existir, rompemos parte da narrativa histórica da sociedade que a construiu.

Isto quer dizer precisamos salvar tudo? Proteger todas as camadas de história da cidade traduzida em seus edifícios? O arquiteto e professor da Faculdade de arquitetura da UFRJ, Gustavo Rocha-Peixe sugere uma outra via. Sabemos que a cidade é um organismo com vida própria e como no corpo humano,

Células precisam morrer para que o corpo fique vivo. Coisas precisam ser esquecidas para a saúde da memória. Também a cultura urbana tem o dinamismo como caráter essencial (...) Se parar, morre. (ROCHA-PEIXOTO, 2012)

Sim, algumas coisas precisam seguir o caminho natural da vida e ser esquecidas para que a cidade continue a respirar. Como escolher o que proteger, é caminho bastante árduo que precisa estar apoiado não só no desejo da comunidade, mas em legislação e diretrizes sensatas. Mas a operação que fazemos não é simplesmente proteger uma casa, uma pintura ou manuscritos. Preservamos lugares e objetos onde nossas tradições construídas neste percurso se materializam. Estes cheiros, sabores, cores e texturas, que apesar de se apoiar tantas vezes em um suporte material, é composto também por camadas invisíveis aos olhos, ou o que hoje chamamos de aspectos intangíveis do patrimônio. Como o 'saber-fazer' tradicional que levamos conosco, um registro material da história da sociedade, demonstrando quem somos nós e quem são os outros.

Dora Alcântara, arquiteta carioca parte desta primeira geração de mulheres a serviço do patrimônio no Brasil, quando escreve sobre as razões para a preservação do patrimônio material, nos conta como esta seleção de bens e sua proteção estavam ligados não só a preservação da memória, mas a uma "atualização da 'inteligência nacional', do desejo de afirmação de uma independência cultural". Ela afirma que a proteção feita pelos órgãos oficiais de preservação "corresponderiam ao registro do 'cartão de identidade' do país" (ALCÂNTARA, 1988, p. 17).

Mas, e quando apesar de nossos esforços a estes lugares ou objetos deixam de existir? Em alguns casos, a ausência fala muito alto e traz à tona memórias, algumas bastante sensíveis, que talvez nem tenham sido vividas por nós, mas ouvimos de gerações passadas e nos pertencem igualmente. Os vazios, bem como os silêncios históricos, podem ser capazes de conjurar memórias adormecidas. Sem o apoio material, a lembrança do lugar acaba se construindo em nosso palácio da memória interior, mas com o tempo a nitidez da imagem vai se perdendo. Assim, em especial nestes casos, para que a memória continue existindo, é fundamental que alguém siga contando a história que nos fará novamente percorrer estes lugares, onde temos acesso as fontes simbólicas de nossa memória.

Considerações finais

Na vida real, enquanto este texto é finalizado, começamos a relaxar o isolamento social que vivemos nos últimos dois anos em casa. O quadro atual de vacinação no Brasil apresenta mais da metade da população completamente vacinada contra este pequeno organismo que nos lembrou o tamanho da nossa fragilidade e transformou o mundo como conhecíamos. Sabemos que para continuar sobrevivendo como espécie vamos precisar nos adaptar a novas rotinas e a novas formas de conduzir nossas relações uns com os outros.

Na ficção, Gabriel Garcia Márquez, salva Macondo da pandemia para que ela possa seguir existindo por mais longos anos. Como? Com um antídoto que chega à cidade vindo do passado, nas mãos de um "homem decrépito" (MÁRQUEZ, 1967, p. 31), isto é, um homem com uma longa história e muitas memórias. Melquiades, o amigo já apagado da memória da família Buendia, ressurgiu sorrateiramente, como fazem as lembranças, que te assaltam como fazem os aromas e quando se dá conta que as pessoas já não se lembravam mais, ele oferece "uma substância de cor suave" (MÁRQUEZ, 1967, p. 31) E aqui de novo a vida imita a ficção.

A luz se faz na memória da cidade, depois que todos tomam o antídoto contra a peste da insônia. A vida vai aos poucos retomando seus rumos. Todos os artificios usados para lembrar, como as placas de identificação dos objetos, e instruções de como fazer café e ordenhar a vaca já não são mais necessárias. As pessoas voltam a ser capazes de visitar seu palácio da memória e evocar lembranças individuais e coletivas. Os velhos amigos se reconhecem mais uma vez.

Os arquitetos Zaida Muxi e Josep Maria Montaner em texto sobre a vulnerabilidade e apagamento da memória afirmam que "se perdermos a memória, também perderemos o sentido." (MONTANER e MUXI, 2014, p. 169). Exatamente o que aconteceu com Macondo, e o que vemos acontecer em nossas cidades com a perda dos lugares de memória e da matéria histórica, estes disparadores da memória individual e coletiva. Quando estes lugares desaparecem, perdermos também o sentido e o fio de narrativa de nossa história.

Esta perda da memória nos deixa de fato vulneráveis. E isto não é ficção, podemos ver estas operações de apagamento da memória em nossas cidades, algumas vezes feitos de forma silenciosa, mudando a narrativa da história que contamos sobre nós mesmos. É como se a máquina de memória inventada por José Arcadio Buendia tivesse algumas de suas fichas editadas, para contar uma versão de memória diferente. Vemos isto acontecendo em nossas cidades tantas vezes em operações urbanas que editam parte de suas camadas históricas

para se parecer com um passado mítico que não nos pertence. Ruas inventadas, que imitam fachadas antigas da cidade para abrigar restaurantes e reproduzir uma atmosfera histórica, enquanto o tecido que sobreviveu ao tempo se arruína sem manutenção. Lugares que através de arquitetura temática simulam uma referência as tradições da imigração local, enquanto os vestígios construídos de fato por estes imigrantes desaparecem pouco a pouco da cidade. Então, sem perceber, nos deixamos atrair pela cilada de uma memória com cheiro de tinta fresca e uma história que é apenas uma imitação barata daquela que de fato um dia existiu.

Por esta razão, ainda que diante de grandes crises humanitárias como a que ainda vivemos, é preciso não apenas garantir que as pessoas tenham acesso aos antídotos para a pandemia e tratamento digno para saúde. É também necessário garantir, como sociedade, os antídotos que nos ajudarão a seguir nos lembrando, operação fundamental em uma sociedade saudável. Não apenas para não esquecer nossa identidade, mas para não repetir erros do passado. A matéria histórica, através dos vestígios encontrados em nossas cidades, bem como os registros que fazemos dela através das imagens em nossas máquinas de memória contemporâneas vão continuar sendo este disparador de nossas recordações, que quando evocadas e compartilhadas nos ajudarão a atravessar tempos de incertezas, como o que vivemos agora.

Ainda que atravessemos tempos sombrios, sempre chegará o momento em que as memórias ajudarão a que novamente a luz se faça em nossas vidas, em nosso trabalho e em nossas relações.

Referências

ALCANTARA, D. O sentido do tombamento. In: *Boletim do Sphan*, Rio de Janeiro, n. 39, jan./fev. 1988, p. 17.

ANDRADE, C. *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HYMAN, S. In: *With Heritage So Rich, reprinted in 1983 by National Trust for Historic Preservation*, 23. Washington, DC: National Trust for Historic Preservation, 1983.

LOWENTHAL, D. *The past is a foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MÁRQUEZ, G. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1967.

MONTANER, J, MUXI, Z. *Arquitectura y Política – ensayos para mundos alternativos*. Barcelona: Editora GG, 2014.

RICCEUR, P. *A Memória, a história e o esquecimento*. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

ROCHA-PEIXOTO, G. *Um Patrimônio De Palavras. Plano Estadual de cultura Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/publicacao-setoriais/um-patrimonio-de-palavras-1>

SANTOS, C. Preservar não é tomar, renovar não é por tudo abaixo. In: *Projeto*, São Paulo, n. 186, 1986, p.59-63.

SANTOS, J, PINA, A (Trad.). *Santo Agostinho – Confissões*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010 (Coleção Folha Livros que mudaram o mundo, v.12).

SARLO, B. *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

Filmografia

Série *Downton Abbey*. Gênero: Drama histórico. Criador e roteirista: Julian Fellowes. 6 Temporadas, 52 episódios. Reino Unido. Carnival Films, 2010-2015.